

23:00 Castelo de Marvão, Cisterna / Marvão Castle, Cistern

ESPECIAL NOITE DENTRO / LATE NIGHT SPECIAL

Alon Sarel, bandolim

Johann Sebastian Bach (1685–1750)

Prelúdio da Suíte para Violoncelo n.º 3, BWV 1009

Johann Sebastian Bach

Prelúdio I de O Cravo Bem Temperado, BWV 846

Yasuo Kuwahara (1946–2003)

Jongara para bandolim solo

Johann Paul von Westhoff (1656–1705)

Imitatione della Campagna

Alon Sarel (n. 1986)

Partita para bandolim solo

Isaac Albéniz (1860–1909)

Astúrias (Lenda)

Nicola Matteis (c. 1650–1713)

Prelúdio em Lá menor

Johann Sebastian Bach

Toccata e Fuga em Ré menor, BWV 565

Viva il Mandolino

Com o advento do movimento da Música Antiga nas décadas de 1970 e 1980, o bandolim conheceu um notável regresso. Alon Sarel, um dos principais bandolinistas da sua geração, defenderá o instrumento com um programa variado de obras que atravessam quatro séculos e provêm de países tão distantes entre si como Espanha, Itália e Japão. Mas o concerto está ancorado na música de Johann Sebastian Bach.

Antes de mergulharmos nas composições, detenhamo-nos brevemente no instrumento. O bandolim, instrumento de cordas habitualmente tocado com palheta

ou plectro, evoluiu a partir do alaúde na Itália dos séculos XVII e XVIII. Existe em muitas formas e configurações diferentes. Uma primeira divisão baseia-se no tamanho e na tessitura: piccolo, soprano, ou versão-padrão, alto, ou bandola, tenor, ou oitavado, e baixo/barítono, ou mandocelo. Tal como acontece com o violino, quanto maior o instrumento, mais grave e profundo é o som. Outra forma de dividir o bandolim em diferentes versões é observar a sua forma. O mais comum, o napolitano, tem a parte posterior arredondada, em forma de taça, e a frente plana. Outros têm uma frente com uma curvatura semelhante à do violino, enquanto um terceiro grupo se assemelha, de algum modo, a uma guitarra.

Comparado com a guitarra, o som pinçado do bandolim é mais curto e extingue-se mais rapidamente. Ao repetir a mesma nota de forma rápida e contínua, através da chamada técnica de tremolo, o intérprete consegue simular uma sensação de persistência. O efeito é mais marcante nas versões de cordas duplas do bandolim, mas é também perceptível nos instrumentos de corda simples. Veja-se, por exemplo, Alon Sariel a interpretar Jongara, uma peça fascinante do bandolinista e compositor japonês Yasuo Kuwahara (1946-2003), conhecido pelo seu uso exímio do tremolo. Em Jongara, um tipo de música popular japonesa, habitualmente tocada num alaúde local de três cordas, Sariel não só o prenderá pela sua mestria no tremolo, como o transportará até à Terra do Sol Nascente através das linhas melódicas inequivocamente japonesas da composição.

A par da peça de Kuwahara, a Partita de Alon Sariel é a única obra do programa originalmente composta para bandolim. Constituída por um prelúdio e cinco danças (allemande, courante, sarabande, menuet e gigue), segue a estrutura típica de uma partita de Bach. Também na melodia e na harmonia, a peça evocará o mais célebre Thomaskantor.

Tal como Jongara, de Kuwahara, irradia Japão, Asturias, de Albéniz (parte da sua Suite Española), dificilmente poderia ser mais espanhola. A composição de Albéniz recebeu muitos elogios e despertou grande admiração e, embora tenha sido escrita para piano, não foi certamente apenas a inimitável pianista Alicia de Larrocha que tornou Albéniz (1860-1909) um nome amplamente conhecido. John Williams, o famoso guitarrista, foi pelo menos igualmente decisivo. A interpretação de Sariel no bandolim é, sem dúvida, algo a aguardar com expectativa.

A inclusão no programa de um prelúdio de Nicola Matteis (c. 1650 - depois de 1713) é interessante não apenas pela beleza pura da peça, mas também porque o seu compositor nasceu na mesma cidade (Nápoles) e aproximadamente na mesma época em que o bandolim hoje mais comum evoluiu a partir do alaúde. O próprio compositor era violinista, razão pela qual o prelúdio foi originalmente concebido para violino.

Pouco resta da produção de Johann Paul von Westhoff enquanto compositor no final do século XVII. A “Imitatione delle Campanie” desta noite (literalmente, “imitações

dos sinos”) é um andamento de uma das suas sonatas, originalmente para violino, que exige ao solista a criação de um belo e longo arco expressivo, que vai do pianissimo inicial ao forte pouco antes de a peça chegar tranquilamente ao fim.

Mas o concerto abre e fecha com um total de três peças de Bach. Bach nunca escreveu para bandolim, mas, uma vez que o instrumento partilha a sua afinação com o violino (uma corda sol, uma corda ré, uma corda lá e uma corda mi), muitas das suas obras podem ser transcritas sem demasiada dificuldade. O facto de o bandolim ser um instrumento com trastes - os trastes são as pequenas saliências no braço do instrumento - também facilita ao intérprete evidenciar o contraponto a várias vozes pelo qual a música de Bach é conhecida. Além disso, o som pinçado é tecnicamente semelhante ao som do cravo, fazendo do vasto repertório para cravo de Bach uma fonte rica também para os bandolinistas.

Nem todos os especialistas estão de acordo quanto à autoria da Toccata e Fuga em Ré menor. A maioria assume que se trata de uma obra de Bach, mas não existe prova conclusiva. O manuscrito mais antigo da composição é uma transcrição/cópia feita por um compositor cujo professor fora aluno de Bach. Uma toccata é uma peça virtuosa, de forma livre, destinada a permitir ao intérprete demonstrar o seu virtuosismo. A amada Toccata e Fuga de Bach foi originalmente escrita para órgão, mas, seja no órgão ou no bandolim, é uma excelente peça para o solista mostrar a amplitude e a profundidade do instrumento - neste concerto, o bandolim.

Viva II Mandolino

With the advent of the Early Music movement in the 1970s and 80s, the mandolin has made a remarkable comeback. Aron Sarel, one of the leading mandolinists of his generation, will make a case for the instrument with a varied program of works that span four centuries, and hail from countries as far apart as Spain, Italy and Japan. But the concert is anchored in the music of Johann Sebastian Bach.

Let's first have a quick look at the instrument before diving into the compositions.

The mandolin, a string instrument that is typically plucked with a pick or plectrum, evolved from the lute in 17th- and 18th-century Italy. It comes in many different shapes and forms. A first division is based on size and pitch: piccolo, soprano (the standard version), alto (or mandola), tenor (or octave) and bass/baritone (or mandocello). Just as with the violin, the bigger the instrument, the deeper and lower the sound.

Another way of dividing the mandolin into different versions is by looking at the shape. The most common one, the Neapolitan, has a bowl-shaped, round backside

and a flat front. Others have a frontside with a curvature similar to the violin, while a third group looks somewhat like a guitar.

Compared to a guitar, the plucked sound of the mandolin is shorter and dies out faster. By picking the same note repeatedly and quickly, the so-called tremolo technique, the player can simulate a sense of persistence. The effect is most striking on the double-stringed versions of the mandolin, but also on single-stringed instruments it is noticeable. Watch, for instance, Aron Sariel play *Jongara*, a fascinating piece by the Japanese mandolinist and composer Yasuo **Kuwahara** (1946-2003), who is known for his expert use of tremolo. In *Jongara*, a type of Japanese folk music, typically played on a local three-stringed lute, Sariel will not only transfix you for his tremolo skill, but also will he transcend you to the Land of the Rising Sun through the indisputably Japanese melodic lines of the composition.

Alongside Kuwahara's piece, Alon **Sariel's** Partita is the only piece on the program that was originally composed for mandolin. Consisting of a prelude and five dances (allemande, courante, sarabande, menuet and gigue), it follows the typical structure of a Bach partita. Also in its melody and harmony, the piece will remind you of the best-known *Thomaskantor*.

Just as Kuwahara's *Jongara* oozes Japan, **Albéniz's** Asturias (a part of his Suite Española) couldn't be more Spanish. Albéniz's composition garnered a lot of praise and admiration, and although it was written for piano, it certainly wasn't only the inimitable pianist Alicia de Larrocha that made Albéniz (1860-1909) a household name. John Williams, the famous guitarist, was at least as instrumental. Sariel's interpretation on mandolin is definitively something to look forward to.

Adding a prelude by Nicola **Matteis** (c. 1650 - >1713) to the program is not only interesting for the piece's sheer beauty, but also because its composer was born in the same city (Naples) and around the same time the currently most common mandolin evolved from the lute. The composer himself was a violinist, hence the prelude was originally conceived for the violin.

Little is left of Johann Paul **von Westhoff's** output as a composer in the late 1600s. Tonight's 'Imitatione delle Campane' (litt: imitations of the bells) is a movement from one of his sonatas (originally for violin) that requires the soloist to create a beautiful long arch going from *pianissimo* at the start to *forte* shortly before the piece comes to a quiet end.

But the concert opens and closes with, in total, three pieces by **Bach**. Bach never wrote for mandolin, but, as the instrument shares its tuning (a G-string, a D-string, an A-string and an E-string) with the violin, many of his works can be transcribed without too much effort. The fact that the mandolin is a fretted instrument – the frets are the raised parts on the fingerboard –, makes it also easier for the player to bring

out the multi-voiced counterpoint that Bach's music is known for. Moreover, the plucked sound is technically similar to the sound of the harpsichord, making Bach's extensive harpsichord repertoire a rich source for mandolinists as well.

Not all experts agree on the authorship of the Toccata and Fugue in D minor. Most people assume it is a work by Bach, but there is no conclusive proof. The oldest manuscript of the composition is a transcription/copy by a composer whose teacher was a pupil of Bach's. A toccata is a virtuoso, free-form piece meant to allow the player to show his or her virtuosity. Bach's beloved Toccata and Fugue was originally written for organ, but whether organ or mandolin, it is an excellent piece for the soloist to display the breadth and depth of the instrument, in this concert the mandolin.

[Bart de Vries](#)